ENTREVISTA REBN

1 - Como começou e onde

- Tive a sorte de durante grande parte da minha vida passar as férias de Verão, em Agosto e Setembro, na aldeia de Cimbres do concelho de Armamar, a uma cota de 700 m, e a vinte Km de Lamego, a minha terra natal. Esta aldeia situa-se na base de uma serra granítica com 800 m de altitude e, a nascente, um vale muito fértil atravessado por dois riachos, cultivado sobretudo por milheirais. Uma fonte de grande caudal no centro da aldeia proporcionava água para a rega através de canais cavados na terra. Nas margens destes e dos riachos uma flora variada atraía múltiplos insectos. A rodear a aldeia do lado da serra, pinhais e soutos e também um pequeno carvalhal. Caminhos pedonais murados cujos lados floridos desconheciam as actuais roçadoras, eram o local preferido das borboletas. Toda esta biodiversidade na região era para mim um paraíso de férias.

Figura 1

Foi aqui que dei os primeiros passos na constituição de uma colecção de insectos, sobretudo lepidópteros e coleópteros. Para o efeito em 1961 já tinha construído a minha primeira rede de borboletas (fig.1), assim como o material para as preparar. Os alfinetes entomológicos comprei-os numa empresa de equipamentos científicos que existia então no Largo do Regedor, perto da Praça dos Restauradores, mas eram poucos pois esgotei o stock.

Foi em Cimbres e nas freguesias vizinhas de Ucanha, Salzedas, Vila Chã da Beira e na cidade de Lamego que constituí a maior parte da coleção.

2 – Como consegui organizar uma colecção com os insectos colectados

- Comecei por frequentar livrarias da baixa de Lisboa onde comprei alguns livros de divulgação quase infantis sobre insectos. Foi, contudo, na extinta livraria Aillaud & Lello, no Chiado, que encontrei, esquecidas numa estante, publicações de A.F. de Seabra sobre a identificação de coleópteros Coprini [Scarabaeidae], Cetonidae e “Platyceridae” [Lucanidae] e com figuras (1807 Imprensa Nacional).

Foi também na antiga livraria Ecléctica, alfarrabista da Calçada do Combro, que encontrei publicações de antigos naturalistas portugueses sobre a organização de colecções de insectos, entre os quais Barbosa du Bocage (1862- fig.2), Eduardo Sequeira (1888 -fig.3) e Assunção Diniz (1964- fig.4).

INSTRUCÇÕES PRATICAS

SOBRE O MODO

DE COLLIGIR, PREPARAR E REMETTER PRODUCTOS ZOOLOGICOS

PARA

O MUSEU DE LISBOA

POR

J. V. BARBOSA DU BOCAGE

LENTE DE ZOOLOGIA NA ESCOLA POLYTECHNICA
DIRECTOR DA SECÇÃO ZOOLOGICA DO MUSEU NACIONAL DE LISBOA
SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1862

Figura 2

GUIA

DO

NATURALISTA

COLLECCIONADOR, PREPARADOR E CONSERVADOR,

POR

EDUARDO SEQUEIRA.

Segunda edição refundida e illustrada com 181 gravuras.

PORTO.
Livraria = Cruz Coutinho = Editora.
18, Caldeireiros, 20.

1888.

Figura 3

MANUEL DE ASSUNÇÃO DINIZ

Captura, Preparação e Conservação
de Insectos

Coimbra Editora, Limitada
Coimbra, 1964

Figura 4

3- Como consegui obter publicações sobre as borboletas existentes em Portugal

Nos anos 60 e 70 do século XX comecei por contactar os coleccionadores contemporâneos que estavam activos: Maria Amélia da Siva Cruz e Timóteo Gonçalves (em 1969), que me enviaram inúmeras separatas das suas publicações; o Padre Teodoro Monteiro (em 1966) que igualmente me enviou todos os trabalhos que escrevera, e que visitei no Colégio de Lamego, onde estava colocado, mostrou-me um armário com parte da sua colecção que, segundo informação local, <u>ainda lá se encontra</u>; Carneiro Mendes (em 1970?)que visitei na sua residência da rua Castilho em Lisboa, que me deu as suas separatas e me mostrou a sua colecção. Também o visitei no Instituto de Investigação Científica Tropical, onde trabalhava, e me fez uma visita guiada às colecções desta instituição. Dos coleccionadores já falecidos: Cândido Mendes de Azevedo, obtive muitos dos seus trabalhos na Brotéria.
Apesar da enorme quantidade de documentos obtidos, estes só continham listagens de espécies sem qualquer descrição ou figura que facilitasse a identificação. Contudo, existe a excepção de J.T. Wattison que, segundo creio, foi o primeiro a publicar as figuras de todas as borboletas diurnas de Portugal, conhecidas na época (1928 a 1930) em quatro fascículos e desenhadas em tamanho natural pelo próprio (Ex: Figs.5 e 6). O documento original pode ser consultado em www.archive.org pesquizando por Wattinson.

RHOPALOCERA

Familia PAPILIONIDÆ

Genus PAPILIO L.

Sub-genus PAPILIO s. s.

Fig. 1.

Papilio machaon L.

Ásas anteriores amarelas, nervuras pretas sendo a primeira menos nítida; quatro manchas negras na margem costal: base polvilhada de preto; uma faixa marginal igualmente preta com oito manchas amarelas mais ou menos semi-lunares, a parte central da faixa, amarelada, e a margem exterior amarela. Ásas posteriores amarelas; na parte exterior, uma faixa preta com a parte central azulada e estendendo-se às vezes da margem exterior até quási ao centro da ása onde se encontra um crescente preto; seis manchas amarelas

Figura 5

Lepidópteros de Portugal por J. T. Wattison 11

Fig. 11.

Euchloë tagis Hbn.

Esta espécie é muito semelhante à *belia* mas a mancha apical da face inferior das ásas anteriores e o fundo das posteriores são de côr amarela esverdeada em contraste com os d'aquela espécie que são verde escuro, e as pintas brancas e não prateadas.

Localidade: Muito abundante nas Serras da Arrábida e S. Luís; Margens do Sado (S. Catarina). — Março e Abril (Vieilledent, 5).

Genus ANTHOCHARIS B.

Fig. 12.

Anthocharis cardamines L.

Ásas brancas; as anteriores, no ♂ com a mancha apical alaranjada estendendo-se além da pinta discoidal, que é preta; base preta; ásas posteriores brancas mostrando o desenho da face inferior. A face inferior das ásas anteriores é semelhante à face superior mas a mancha apical é cinzento claro em vez de preto; ásas posteriores brancas salpicadas de verde. ♀ semelhante ao ♂, não apresentando porém a côr de laranja nas ásas anteriores e o preto da mancha apical um pouco mais largo.

3

Figura 6

4- A classificação das borboletas e as sociedades entomológicas

A inscrição em sociedades entomológicas estrangeiras e portuguesas, também nos anos 60 e 70, foi um passo fulcral no acesso a publicações e revistas dedicadas à classificação e taxonomia dos lepidópteros diurnos e nocturnos. Realço a AES (Amateur Entomologist's Sociaty) em 1965, que me deu acesso a especialistas, livros e vendedores de equipamentos. Graças às instruções obtidas no AES fiz a primeira preparação de genitália em 1966. O bálsamo do Canadá para as preparações de genitálias adquiri na farmácia Barral, na Rua do Ouro em Lisboa, onde também esgotei o stock. Outros químicos necessários adquiriam-se então em qualquer drogaria. Em 1973 inscrevi-me na SHILAP (Sociedade Hispano Luso Americana de Entomologia), outra grande fonte de informação e contactos. Em 1999 foi a vez da SPEN (Sociedade Portuguesa de Entomologia) dirigida pelo Dr. António Bivar de Sousa, meu amigo de muitos anos, e em 2004 a TAGIS que me proporcionou contactos com muitos interessados nos lepidópteros de Portugal e organizadora de várias actividades. Sublinho os seguintes membros: Patrícia Garcia Pereira (Coordenadora), Ernestino Maravalhas, António Bivar de Sousa, Eduardo Marabuto, Pedro Pires, João Pedro Cardoso, Albano Soares, Diniz Cortes, Paulo Simões, Eva Monteiro, Adriana Galveias, Maria João Verdasca. Entre as actividades realço duas sessões de

nocturnas no Jardim Botânico com o Pedro Pires, nocturnas com Patrícia Garcia Pereira na Herdade do Vinagre (Coruche) e na construção do borboletário no Jardim Botânico, nocturnas com João Pedro Cardoso em Águas de Moura (Marateca) e diurnas na Serra da Arrábida.

5- A "explosão" da entomologia e especialmente da lepidopterologia em Portugal

Graças às iniciativas da TAGIS e da SPEN, bem como os contactos aí estabelecidos e, ainda com a vulgarização da internet e das fotos digitais, o número de pessoas interessadas em registar espécies de borboletas e a sua distribuição, aumentou exponencialmente. Assim nasceu a www.lusoborboletaspt.com bem como páginas nas redes sociais Lepidópteros(borboletas) em Portugal, onde qualquer pessoa pode colocar a foto de uma borboleta e pedir a sua identificação. Especialistas voluntários como o Eduardo Marabuto, Pedro Pires, João Nunes e muitos outros, de pronto informam a ID do espécime. Por outro Lado, pode-se recorrer também ao Martin Corley, especialista inglês, enviando-lhe fotos para ID. Recentemente Ana Valadares fundou o grupo REBN - Rede de Estações de Borboletas Nocturnas, onde também se pode colocar fotos para ID, que desde início registou um enorme sucesso com a publicação mensal de um interessante e instrutivo boletim, e com a instalação de dezenas de estações de armadilhas luminosas para atracção de borboletas nocturnas e seu registo, operadas por voluntários, cobrindo grande parte do território nacional.

6- Anos 70, finalmente são publicados guias e livros vocacionados para a identificação de borboletas.

Refiro aqui os primeiros quatro que adquiri: Butterflies of Britain and Europe, L. G. Higgins and N. D. Riley 1970 (Fig. 7); A Field Guide to the Butterflies and Burnets of Spain, com referências a Portugal, Canárias, Madeira e Baleares, W.B.L. Manley e H.G. Allcard 1970 (Fig. 8); Mariposas de la Península Ibérica, Miguel Gomez Bustillo e Fidel Fernandez Rubio 1974 (Fig. 9); The Classification of European Butterflies with 700 line drawings of genitália, L.G. Higgins 1975 (fig. 10)
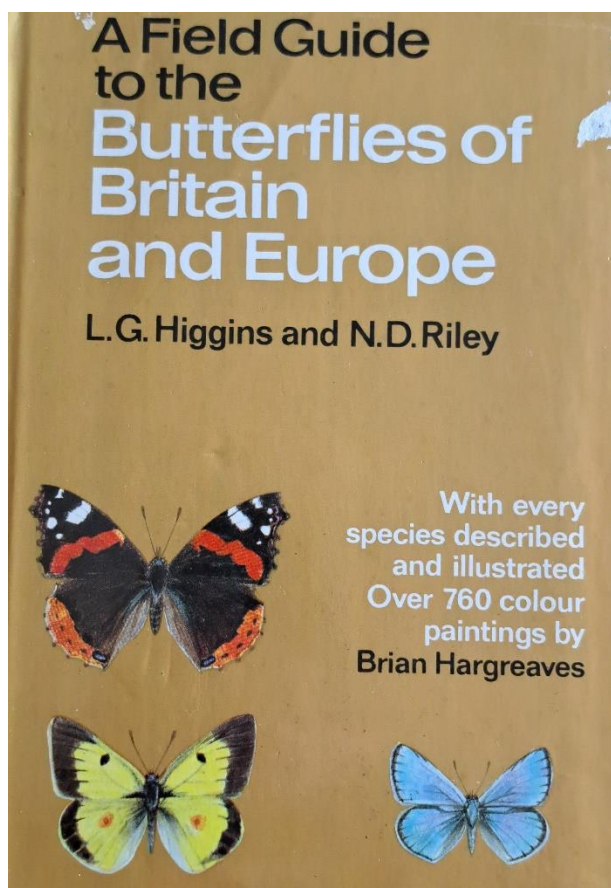
Figura 7
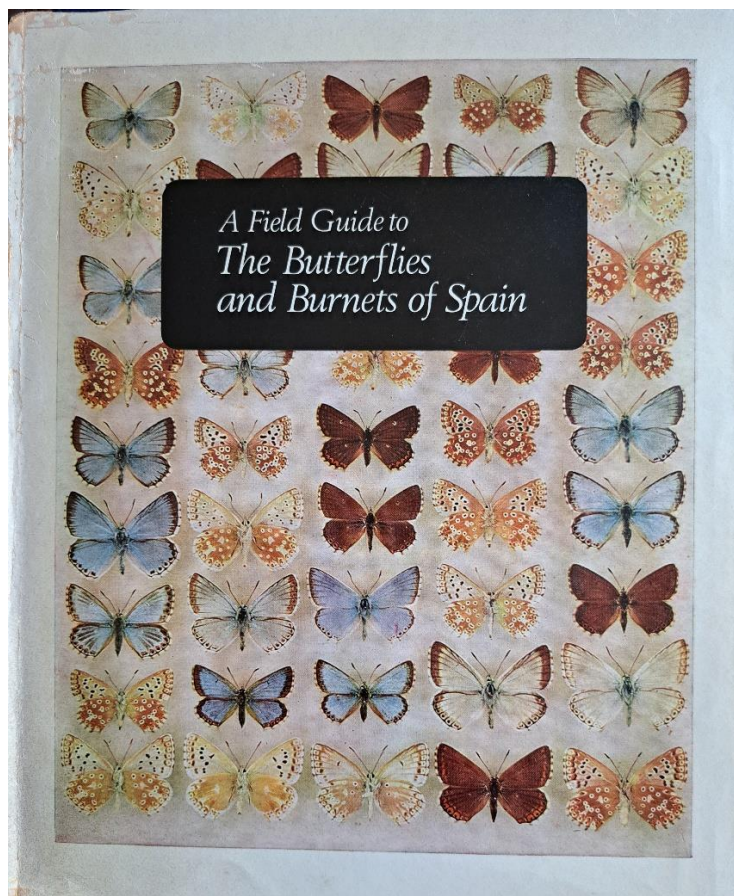
Figura 8
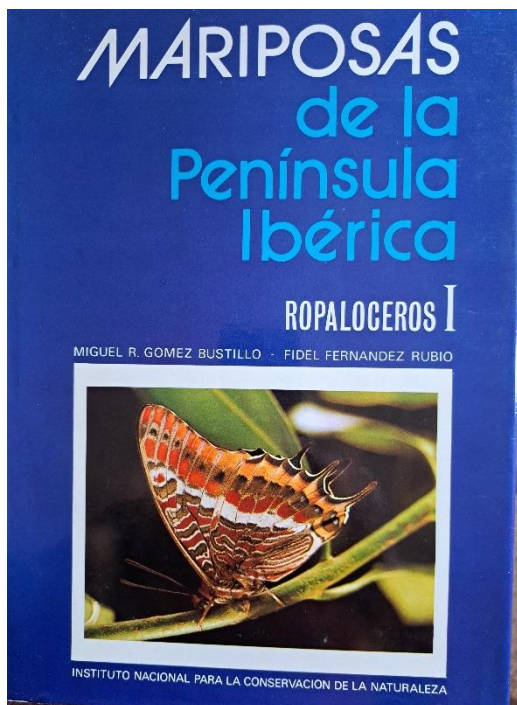
Figura 9
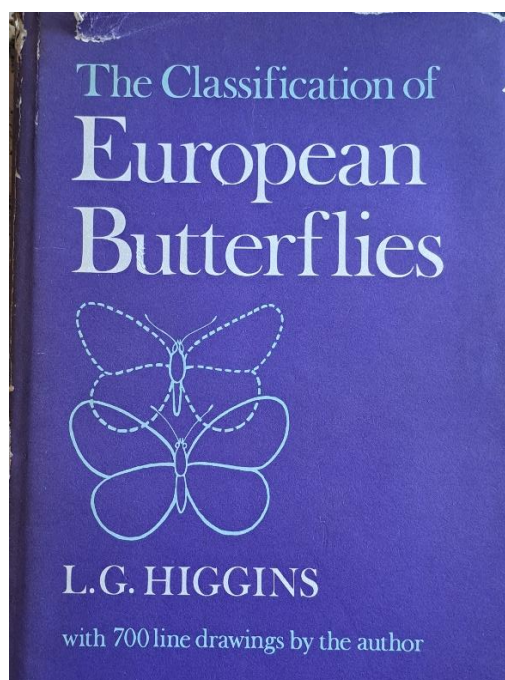
Figura 10

7- Quanto à colecção de borboletas nocturnas

A minha primeira borboleta nocturna foi uma Saturnia Pyri, encontrada morta em Tomar em 1962. Foi a partir de 1969 que construi uma armadilha luminosa do tipo Robinson. Em primeiro lugar, em Cimbres, utilizei uma lâmpada de tungsténio de 150 W e depois, com melhores resultados, uma lâmpada transparente de vapor de mercúrio de 125W, seguindo-se uma de vapor de mercúrio de 125W de luz negra com resultados excelentes. Com esta lâmpada colaborei, a partir da varanda da minha casa de Lisboa, nas Noites Europeias das Borboletas Nocturnas que se destinavam a conhecer, em determinadas datas, quais as espécies que voavam em toda a Europa. Estas Noites Europeias eram coordenadas pelo Eduardo Marabuto. Mais recentemente utilizei armadilhas com LEDS. Como aviso de segurança, na proximidade das lâmpadas de vapor de mercúrio devem ser usados óculos industriais de protecção UV.

8 – Os meus correspondentes para informação e trocas de espécies da Europa

Vou referir apenas os dois mais importantes:
- Peter W. Cribb: inglês, membro da AES onde pertencia ao painel de especialistas para identificação de insectos. Viajava todos os anos para a Europa. Percorreu grande parte dos países e as diversas cadeias montanhosas onde obteve uma importante e completa colecção de borboletas. Correspondemo-nos durante anos e eu enviava-lhe espécies de Portugal e ele retribuía abundantemente com espécimes da Europa, particularmente do género Erebia.
Enviei-lhe a dada altura lagartas de Euphydryas aurinia ssp. beckeri e, noutra ocasião, lagartas de Charaxes jasius. Foram motivo de grande interesse nas exposições anuais da AES.
- Vladimir Sterba: República Checa, também por troca com exemplares portugueses, enviou-me muitas e interessantes espécies de países do leste da Europa, na altura pertencentes à união soviética.

Nota: Nesta época não havia restrições à captura de insectos em toda a Europa.

9- Notas Finais

- Ao Dr. José Alberto Quartau, meu colega de turma no Liceu Camões, onde nos começámos a interessar pela entomologia, agradeço a sua amizade de tantos anos e a sua companhia nas nossas primeiras saídas de campo, eu interessado em borboletas e escaravelhos e ele em Cicadas, em que se tornou num especialista de renome.
- A minha colecção foi doada ao Museu de História Natural e Ciência da Universidade de Lisboa no Natal de 2023, onde está na nova entomoteca. Pode ser consultada pelos interessados, bastando para isso falarem com o Curador Roberto Keller.